

A FÁBULA NO CONTEXTO DE A CANTORA CARECA DE EUGÈNE IONESCO

Maria Lúcia DELBONI*

Enquanto peça do teatro do absurdo, *A Cantora Careca* de E. Ionesco caracteriza-se pela subversão e contestação dos padrões retóricos convencionais e sua correspondente visão de mundo.

É nesse contexto, de subversão do gênero dramático, contexto de descontinuidade, de ruptura das estruturas narrativas, que aparecem as fábulas que serão aqui analisadas.

Na conceituação de Maingueneau, a subversão dá-se quando há a apropriação de uma estrutura e seu tipo de enunciação com intenção de arruiná-la, sendo que essa desqualificação ocorre no próprio movimento de sua imitação. E ainda, segundo este autor, a subversão é polifônica por definição, pois mantém uma distância entre duas fontes de enunciação, que ela hierarquiza. (Maingueneau, 1989, p.102)

Assim, as fábulas, bem como todo o texto da peça, possibilitam uma dupla leitura: de um lado a narrativa tradicional, com enredo, com encadeamento lógico de motivos e situações, cujo discurso revela uma história com significado; e de outro, a desqualificação da narrativa, que no texto em questão é feita por uma voz irônica.

Partindo dos elementos constitutivos da estrutura da fábula, este trabalho procura mostrar como se dá a desqualificação da mesma, na peça *A Cantora Careca*, enquanto modelo narrativo canônico.

Entende-se um texto como sendo fábula pela instalação de atores não humanos na história e atores humanos na moral, e também por este texto

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

ser constituído de três discursos: figurativo, temático e metalingüístico, podendo este último vir explícito ou não (Lima, 1984, p. 66-7).

Tomar-se-á como primeiro exemplo a fábula “O Cão e o Boi”:

O CÃO E O BOI

Bombeiro

Muito bem, vamos lá. (Pigarreia mais uma vez, começa com voz trêmula de emoção.) “O Cão e o Boi”, fábula experimental: uma vez, outro boi perguntou a outro cão: por que é que você não engoliu a sua tromba? Perdão, respondeu o cão, é porque eu pensei que era elefante. (Ionesco, 1993, p. 101)

Assim como a fórmula *Era uma vez* prende a história no tempo imaginário da fantasia, o título “O Cão e o Boi”, e a especificação que se segue - fábula experimental - ancoram o texto no universo fictício da fábula, criando, dessa forma, o seu referencial que permite que se busquem no texto os elementos constitutivos da fábula.

Pode-se reconhecer, na fábula em questão:

1. As figuras do texto fabulístico, cão e boi, como os atores não-humanos da história, e a sua subsequente desqualificação — outro boi perguntou a outro cão — em que se lê outro boi e outro cão, e não as figuras da fábula tradicional.
2. Os investimentos figurativos rompem a lógica do discurso, “O boi perguntou ao cão: por que é que você não engoliu a sua tromba? Perdão, respondeu o cão, é porque pensei que era elefante”, impossibilitando a criação de um percurso figurativo ao tornar o discurso incoerente.
3. Esta falta de lógica do discurso figurativo impede a construção de um percurso temático que deveria costurar o texto. Há, portanto, um esvaziamento com relação aos temas e, conseqüentemente, um esvaziamento da história.
4. O discurso metalingüístico da fábula, expresso ou não pela moral, tem a função de orientar a interpretação da história. Nesta fábula, ele encontra-se destacado da história, em forma de diálogo entre os personagens:

Sr^a Martin

Qual é a moral?

Bombeiro

Vocês é que devem encontrá-la.

Reconhece-se o caráter metalingüístico de tentativa de explicar a história, porém como esta foi esvaziada, resta como única possibilidade de interpretação o fato de não haver o que interpretar. Desmistifica-se assim a função metalingüística da moral, e portanto da própria fábula, pois esta não ensina mais nada.

Percebe-se claramente o processo de subversão através da desqualificação dos elementos estruturais da fábula.

Outra fábula presente no texto também é ludicamente desqualificada:

A SERPENTE E A RAPOSA

Sr. Smith

Agora é minha vez, vou-lhes contar uma outra: “A Serpente e a Raposa”. Uma vez, uma serpente, aproximando-se de uma raposa, disse: ‘Parece que eu conheço você!’ A raposa respondeu: ‘Eu também.’ Então, disse a serpente, me dê dinheiro. ‘Uma raposa não dá dinheiro’, respondeu o esperto animal que, para escapar, saltou num vale profundo cheio de pés de morango e de mel de galinha. A serpente já a esperava ali, com um riso mefistofélico. A raposa puxou seu punhal berrando: ‘Vou ensiná-la a viver!’ e depois fugiu, dando-lhe as costas. Mas não teve sorte, a serpente foi mais viva. Com um soco bem dado, atingiu a raposa no meio da cara, que se partiu em mil pedaços, exclamando: ‘Não! Não! Quatro vezes não! Eu não sou sua filha’. (Ionesco, 1993, p.104).

1. No título “A Serpente e a Raposa”, estes atores não-humanos referem-se aos atores da fábula tradicional, isto é, àquela serpente e àquela raposa cujas características chegaram até nós como: Serpente: traiçoeira, perigosa e a Raposa: astuta, maldosa, criando a expectativa de uma história

em que as duas medirão forças para se saber qual é a mais poderosa, o que não ocorre. Notam-se as referências que o texto faz às qualidades atribuídas a esses dois animais: raposa, esperta, viva, a serpente com um riso mefistofélico.

2. No entanto, as figuras que nas fábulas tradicionais, aliás como em todo texto, são revestimentos de temas, aparecem aqui desprovidas dos mesmos, e portanto não geram nem o percurso figurativo nem o temático. Percebe-se pois que foram incorporadas figuras do discurso da fábula tradicional: serpente, raposa, animal, vale, pés de morango, etc, são figuras que remetem a imagens do mundo das fábulas, porém, neste texto, como já se disse, não recobrem temas.

3. Em termos da fábula enquanto narrativa, para usar a definição de Genette, o discurso esvazia a história. Trata-se de uma anti-narrativa, através da qual pode-se ler a narrativa, sendo a primeira incoerente, não buscando valores nem procurando sentidos, rompendo com a lógica da causalidade (como exemplo disso temos o absurdo de - a serpente foi mais viva. Com um soco bem dado, atingiu a raposa ...); e a outra, a narrativa, o contrário, linear, coerente, que foi desqualificada.

4. O diálogo que se estabelece entre os dois animais também nos remete ao caráter dialógico das fábulas, que normalmente colocam dois discursos em confronto para deixar patentes os mecanismos discursivos que engendram falácias semânticas (Fiorin, 1984, p. 72). No caso da fábula em questão, o próprio discurso é uma falácia, em si ele já é um desmascaramento do discurso. A moral, na fábula tradicional, reitera o caráter ardiloso de um dos discursos, aqui é o próprio discurso que se torna alvo de análise. Neste sentido, esta fábula é análise do discurso, e seu caráter metalingüístico não fica perdido.

5. O humor, um dos instrumentos da subversão no texto, é expresso pelo nonsense e principalmente pelo uso que é feito da estrutura da fábula para reinventar seu discurso ludicamente.

Não é só a fábula que se constitui um alvo fácil para a subversão neste texto, os provérbios também, pois eles nada mais são que fábulas concentradas num dos seus três componentes. No caso em questão, na moral. Este, por sua vez e por pressuposição, lembra os outros dois discursos.

É o que se pode perceber no exemplo abaixo, em que o diálogo dos personagens dá-se num discurso totalmente assujeitado à autoridade das fórmulas prontas.

Sra Martin

Posso comprar um canivete para o meu irmão, mas vocês não podem comprar a Irlanda para o seu avô.

Sr. Smith

A gente anda com os pés, mas não se aquece com eletricidade ou carvão.

Sr. Martin

Quem hoje vende uma vaca, amanhã não terá nem meia pataca.

Sra Smith

Na vida, é preciso olhar pela janela.

Sra Martin

Pode-se sentar na cadeira, quando cadeira não há.

(Ionesco, 1993, p.
133)

Sr. Smith

Deve-se sempre pensar em tudo.

Sra Smith

Quando eu digo sim, é um jeito de falar.

Sra Martin

Cada um tem seu próprio destino.

Sr. Smith

Pegue um círculo, faça-lhe umas carícias, e ele se tornará vicioso!

Sra Smith

O mestre-escola ensina as crianças a lerem, mas a gata amamenta seus filhotes quando eles são pequenos.
(Ionesco, 1993, p. 134)

Estes aforismos, embora confirmem a estrutura das fábulas, são desmistificados pela subversão que lhes retira a lógica, e os transforma em provérbios surrealistas.

Vê-se, portanto, concretizar a subversão, isto é, a apropriação do discurso da fábula tradicional com a clara intenção de arruiná-la. Essa desqualificação é um ataque ao discurso do senso comum, na medida em que este faz uso de estruturas pré-estabelecidas, dos arquétipos da mente humana como as fábulas. Neste sentido, a subversão, através de seu discurso irônico, revitaliza o discurso teatral ao livrá-lo do lugar comum.

Referências bibliográficas

- FIORIN, J. L. A inauguração da inocência. *Significação*, n.4, p. 72, 1984.
- IONESCO, E. *A cantora careca*. Trad. M. Lúcia Pereira, Campinas: Papyrus, 1993.
- LIMA, A.D. A forma da fábula. *Significação* (Araraquara), n. 4, 1984.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky, Campinas: Ed. Pontes, 1989.

Bibliografia consultada

- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, Lisboa: Vega Universidade, 1976.